

# Grupos de pesquisa em enfermagem na área da saúde da mulher

## *Nursing research groups in woman's health*

Lisie Alende Prates<sup>1</sup>, Joice Moreira Schmalfluss<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Enfermeira. Mestranda em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria-UFSM

<sup>2</sup>Enfermeira. Professora Assistente da Universidade Federal da Fronteira Sul-UFFS

### Resumo

**Introdução:** Para acompanhar os avanços históricos na área da saúde da mulher, fez-se necessário que as instituições de ensino superior trabalhassem na produção científica e na capacitação de pesquisadores na área. Nesse contexto, os grupos de pesquisa surgiram como espaços institucionais direcionados para a pesquisa, produção do conhecimento científico, e formação e capacitação de estudantes e pesquisadores. **Objetivo:** Descrever as características dos grupos de pesquisa em Enfermagem na área da saúde da mulher, registrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), desde a sua criação. **Material e Métodos:** Trata-se de um estudo documental, com delineamento descritivo transversal, realizado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. **Resultados:** Dos 36 grupos analisados, a maioria é da região sudeste e possui um predomínio de integrantes do sexo feminino que atuam em diferentes áreas da saúde. As instituições com maior concentração de grupos foram a Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade de São Paulo e Universidade Federal Fluminense. **Conclusão:** Identificaram-se grupos com linhas de pesquisa que versam sobre as diferentes perspectivas que abrangem a saúde da mulher, demonstrando um panorama que considera a mulher na sua singularidade e diversidade. Como limitações do estudo, vários Currículos Lattes e grupos estavam desatualizados.

**Descritores:** Saúde da Mulher; Pesquisa em Enfermagem; Grupos de Pesquisa; Enfermagem.

### Abstract

**Introduction:** In order to follow the historical advances in women's health, the Institutions of Higher-Education were required to work scientific production and the training of researchers in this specific area. In this context, the research groups have emerged as institutional spaces targeted for research, production of scientific knowledge, education and training of students and researchers. **Objective:** Describe the characteristics of the Nursing research groups in woman's health registered in the Directory of Research Groups of the National Council for Scientific and Technological Development, since its beginning. **Material and Methods:** This is a documentary study with a cross-sectional descriptive design carried out at the Directory of Research Groups of the National Council for Scientific and Technological Development. **Results:** Of the 36 groups analyzed, most of them are from the Southeast region of Brazil with a predominance of women working in different health areas. The institutions with the biggest concentration of groups were the Univesidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade de São Paulo and the Univesidade Federal Fluminense. **Conclusion:** Groups with research lines focusing on different perspectives concerning woman's health were identified. The research lines showed a panorama which considers the woman in her uniqueness and diversity. Our study has a very important limitation. Several Currículos Lattes and groups were not updated.

**Descriptors:** Women's Health; Nursing Research; Research Groups; Nursing.

### Introdução

Ao longo dos anos, a área da saúde da mulher foi incorporando os saberes científicos de cada época. A mulher que, inicialmente, era percebida apenas em uma condição restrita de mãe e dona de casa, passou a ser considerada em outras dimensões,

respeitando suas especificidades, faixas etárias e os distintos grupos populacionais<sup>(1-2)</sup>. Os avanços na área da saúde, nos mais diferentes momentos históricos, foram atingidos por meio da mobilização conjunta dos movimentos feminista, negro, de

Recebido em 11/02/2014

Aceito em 23/03/2014

Não há conflito de interesse

trabalhadoras rurais, sociedades científicas, pesquisadores e estudiosos da área, organizações não governamentais, gestores do Sistema Único de Saúde (SUS) e agências de cooperação internacional<sup>(3-4)</sup>.

Nessa perspectiva, a fim de auxiliar as mulheres nas lutas pela criação e implantação de políticas voltadas para a assistência à saúde da mulher em todo o seu ciclo vital, as instituições de ensino superior vêm trabalhando na produção científica e capacitação de pesquisadores na área. Portanto, os avanços históricos na área da saúde da mulher também influenciaram na conformação das instituições de nível superior, que precisaram se adequar às novas demandas do universo feminino. Nesse âmbito, os grupos de pesquisa representam espaços institucionais voltados para a pesquisa, nos quais, além da produção do conhecimento científico, é possível a formação e capacitação de estudantes e pesquisadores. De acordo com Diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), os grupos de pesquisa são compostos por um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente em torno de uma temática científica ou tecnológica. Localizam-se em universidades, instituições isoladas de ensino superior, institutos de pesquisa científica, institutos tecnológicos e laboratórios de pesquisa e desenvolvimento de empresas estatais ou ex-estatais<sup>(5)</sup>.

Desde 1992, o Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq representa uma base de dados brasileira que contém informações sobre os grupos de pesquisa em atividade no País, servindo como ferramenta para estudo e coleta de dados sobre os grupos de pesquisa. A busca no Diretório permite identificar quem, como e onde são desenvolvidas as atividades científico-tecnológicas, assim como as temáticas que são pesquisadas. Considerando esse contexto, apresenta-se como questão norteadora do presente estudo: quais são as características dos Grupos de Pesquisa em Enfermagem na área da saúde da mulher, registrados no Diretório do CNPq? Para responder à questão de pesquisa, foi definido o seguinte objetivo: descrever as características dos grupos de pesquisa em Enfermagem na área da saúde da mulher, registrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, desde a sua criação.

### Material e Métodos

Trata-se de um estudo documental, com delineamento descritivo transversal, realizado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, no dia 11 de agosto de 2013, utilizando-se na busca os seguintes delimitadores: “saúde da mulher” como opção de frase exata, “ciências da saúde” como grande área do grupo e “Enfermagem” como área do grupo.

Durante a elaboração deste estudo, percorreram-se as seguintes etapas: estabelecimento da questão norteadora; escolha dos delimitadores de busca no Diretório; determinação de critérios de inclusão e exclusão; categorização e análise dos grupos. No primeiro campo de busca do Diretório, foi utilizado o delimitador “saúde da mulher” como frase exata, encontrando 287 grupos de pesquisa. Ao filtrar, acrescentando ao campo de busca intitulado grande área do grupo o delimitador “ciências da saúde”, restaram 246 grupos. Finalmente, ao inserir no campo

de busca denominado área do grupo o delimitador “Enfermagem”, obteve-se um total de 94 grupos registrados com esses delimitadores. Os campos de busca **Unidade da Federação (UF)** e **Instituição** não foram utilizados na busca a fim de permitir a identificação de grupos em todo o território nacional.

O critério de seleção foi: ser grupo de pesquisa (GP) registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, ser da área da saúde da mulher e, especificamente, da Enfermagem e ter algum termo no título do grupo indicando que o mesmo é da saúde da mulher. Além disso, não foi utilizado recorte temporal durante as buscas realizadas.

Para a análise dos dados foi elaborado um quadro sinóptico, contendo as seguintes informações: nome do grupo, ano de formação, data da última atualização, líderes do grupo, instituição, órgão, unidade, repercussões do trabalho do grupo, recursos humanos e titulação acadêmica correspondente, linhas de pesquisa e relações com o setor produtivo.

Mediante a categorização dos dados no quadro sinóptico, pôde-se identificar, a partir dos títulos dos grupos, que 58 não pertenciam à área da saúde da mulher, sendo excluídos, restando 36 grupos para análise.

### Resultados

O primeiro GP abrangendo a saúde da mulher na área da Enfermagem registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq foi o Centro de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher, Gênero, Saúde e Enfermagem (GEM), no ano de 1988, vinculado à Universidade Federal da Bahia (UFBA). Nos anos seguintes, outros grupos foram gradativamente registrados no Diretório, sendo que 2010 foi o de maior número de grupos registrados, contabilizando sete GP (Tabela 1).

**Tabela 1** - Ano de registro dos Grupos de Pesquisa em Enfermagem na área da saúde da mulher. Brasil, 2013

Ano	Número de GP criados no ano
1988	1
1989	1
1990	1
1992	1
1993	1
1997	2
2000	1
2002	2
2005	4
2006	2
2007	1
2008	3
2009	5
2010	7
2012	1
2013	3

Fonte: Base de Dados do Diretório dos Grupos de Pesquisa (GP) do CNPq.

Quanto à instituição de origem do GP, quatro prevaleceram: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Federal Fluminense (UFF) todas com três grupos vinculados, seguidas da Universidade

Federal de São Paulo (UNIFESP) com dois grupos. As demais instituições foram identificadas com apenas um grupo vinculado (Tabela 2).

**Tabela 2** - Instituições de origem dos Grupos de Pesquisa em Enfermagem na área da saúde da mulher. Brasil, 2013

<b>Instituição de origem</b>	<b>Número de GP vinculados à instituição</b>
<b>Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)</b>	3
<b>Universidade de São Paulo (USP)</b>	3
<b>Universidade Federal Fluminense (UFF)</b>	3
<b>Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)</b>	2
<b>Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)</b>	1
<b>Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)</b>	1
<b>Universidade do Estado da Pará (UEPA)</b>	1
<b>Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)</b>	1
<b>Universidade Federal da Bahia (UFBA)</b>	1
<b>Universidade Federal de Goiás (UFG)</b>	1
<b>Universidade Federal da Paraíba (UFPB)</b>	1
<b>Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)</b>	1
<b>Universidade de Pernambuco (UPE)</b>	1
<b>Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)</b>	1
<b>Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)</b>	1
<b>Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)</b>	1
<b>Fundação Universidade Federal do Tocantins (UFT)</b>	1
<b>Universidade do Estado da Bahia (UNEB)</b>	1
<b>Universidade Federal do Rio Grande (FURG)</b>	1
<b>Universidade Federal do Maranhão (UFMA)</b>	1
<b>Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES)</b>	1
<b>Universidade Estadual de Maringá (UEM)</b>	1
<b>Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)</b>	1
<b>Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ)</b>	1
<b>Universidade de Minas Gerais (UFMG)</b>	1
<b>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IF/SC)</b>	1
<b>Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL/MG)</b>	1
<b>Universidade Garulhos (UNG)</b>	1
<b>Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)</b>	1

**Fonte:** Base de Dados do Diretório dos Grupos de Pesquisa (GP) do CNPq.

A partir da Tabela 2, pôde-se perceber uma maior concentração de GP na região sudeste (20 grupos), seguida das regiões sul (com seis) e nordeste (também com seis). Já as regiões centro-oeste e norte apresentam, cada uma, dois grupos.

Quanto às linhas de pesquisa, foi possível identificar 97 linhas vinculadas aos grupos, sendo que o número mínimo de linhas encontrado foi de uma e o número máximo de sete, apresentando uma média de 2,69 linhas por grupo. As linhas de pesquisa versam, basicamente, a respeito da mulher no processo de saúde-doença e o cuidado de Enfermagem nesse processo. Foram encontradas também, linhas voltadas para assuntos que

tratam da violência contra mulher, gênero, aleitamento materno, qualidade de vida da mulher, doenças sexualmente transmissíveis, planejamento familiar, políticas de saúde, organização de serviços, produção do conhecimento, mortalidade materna, bioética e educação.

Com relação aos recursos humanos, integrantes dos GP, verificou-se um total de 839 membros entre os 36 grupos. O grupo com maior número de integrantes (72) é o Grupo de Pesquisa Enfermagem, Mulher e Saúde da USP, enquanto que o grupo com menor número de integrantes é o Grupo de Pesquisa e Estudo em Saúde da Mulher (GRUPESM) da Fundação

Universidade Federal do Tocantins (UFT), sendo que a média de integrantes é de 23,30 (desvio padrão).

Em se tratando do número de integrantes, conforme a própria página dos GP e visualizado no CNPq, um grupo pode ser composto por um número reduzido. Sendo possível, até mesmo, a criação de grupos com apenas um pesquisador e seus orientandos. Entretanto, grupos com essa configuração são

atípicos no Diretório.

Para identificar a titulação dos integrantes, foram acessados os Currículos Lattes, na Plataforma CNPq. Desse modo, constatou-se que os grupos são formados, majoritariamente, por estudantes de graduação, representando 188 do total de 839 membros (Tabela 3).

**Tabela 3** - Titulação dos integrantes dos Grupos de Pesquisa em Enfermagem na área da saúde da mulher. Brasil, 2013

<b>Titulação</b>	<b>Número de integrantes</b>
<b>Livre docentes</b>	20
<b>Pós-doutores</b>	19
<b>Doutores</b>	169
<b>Doutorandos</b>	82
<b>Mestres</b>	129
<b>Mestrandos</b>	96
<b>Graduados</b>	124
<b>Graduandos</b>	188
<b>Tecnólogo</b>	1
<b>Técnicos em Enfermagem</b>	1
<b>Realizando técnico em Enfermagem</b>	8
<b>Ensino médio completo</b>	1
<b>Não foi encontrado o currículo</b>	1

**Fonte:** Base de Dados do Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq.

Destaca-se que não foi encontrado o Currículo Lattes de um integrante e que muitos Currículos encontravam-se desatualizados, o que pode limitar a análise sobre a titulação, uma vez que os membros podem possuir, atualmente, uma titulação maior que aquela designada no currículo. Em relação à atualização dos dados, é possível identificar no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq a última atualização realizada pelo grupo nesse espaço e, com isso, verificou-se que 16 grupos não atualizam seus dados, alguns, há mais de dois anos. Entre os grupos com dados desatualizados, o mais antigo data de dezembro de 2010 e o mais recente de dezembro de 2012.

Entre os integrantes dos GP analisados, foram identificados profissionais da enfermagem, psicologia, fisioterapia, medicina, fonoaudiologia, terapia ocupacional, educação física, farmácia, nutrição, ciências sociais, ciências biológicas, serviço social, letras, pedagogia, biblioteconomia, matemática, administração, direito, geologia e zootecnia. A participação dos enfermeiros nos GP prevaleceu entre as áreas profissionais. A maioria (60) dos líderes é enfermeiro, existindo apenas dois líderes de outras áreas (direito e ciências sociais). Ressalta-se, também, a predominância de mulheres (59) como líderes em comparação com os homens (3).

Quanto às repercussões do trabalho dos GP, percebe-se que as atividades estão vinculadas prioritariamente à produção do conhecimento, ações de assistência, extensão e ensino/formação tanto na graduação quanto na pós-graduação. Em se tratando das relações do GP com o setor produtivo, apenas um disponi-

bilizou essa informação no Diretório.

### **Discussão**

O ensino superior em Enfermagem teve sua origem no ano de 1920<sup>(6)</sup>, sendo que “no Brasil como um todo, a expansão do número de cursos de Enfermagem ocorreu a partir de determinantes sociais, políticos e econômicos, acompanhando as políticas educacionais e de saúde”<sup>(7)</sup>. Desse modo, o ensino superior no Brasil teve dois momentos de destaque, entre os anos de 1970 e 1985 e entre os anos de 1995 e 2010. Nesses períodos, ocorreu uma expansão de cursos e de instituições em decorrência das políticas governamentais de ampliação de vagas e acesso ao ensino superior<sup>(8)</sup>.

Em se tratando da Enfermagem, percebe-se que, no primeiro período, a ampliação de vagas e a abertura de novas escolas de Enfermagem no País ocorreu em virtude do Plano Decenal de Saúde para as Américas, cuja meta era aumentar o quantitativo de enfermeiros, ocasionando a criação de 44 cursos superiores de Enfermagem<sup>(7)</sup>. Nessa mesma época, tiveram início os cursos de pós-graduação stricto sensu, com a criação do primeiro curso de mestrado em Enfermagem, em 1972, na Escola de Enfermagem Anna Nery na UFRJ, e o primeiro curso de doutorado na USP, em 1981<sup>(6,9)</sup>. Outro acontecimento marcante foi a VIII Conferência Nacional de Saúde, que teve papel decisivo na construção do SUS e objetivou a discussão e definição da Reforma Sanitária. A Reforma Sanitária, por sua vez, apareceu como uma resposta às crises do modelo biomédico, do autoritarismo, da situação

sanitária da população e do sistema de prestação de serviços à saúde em que o País se encontrava<sup>(10)</sup>.

Diante dessa sucessão de acontecimentos sociais, políticos e econômicos foi criado o primeiro programa de saúde voltado à saúde da mulher, o Programa Materno-Infantil. O Programa foi considerado um grande avanço, pois, até então, a mulher era vista apenas como mãe e dona de casa<sup>(11)</sup>. Entretanto, mesmo com a criação do Programa, a saúde da mulher continuava a ser percebida apenas em sua dimensão reprodutiva.

As instituições de Enfermagem que poderiam auxiliar na ampliação da visão sob a mulher, ainda estavam em fase de estruturação e expansão. Nesse sentido, entende-se que os GP, que agrupam pesquisadores e estudantes em torno de uma área do conhecimento, com vistas a desenvolver pesquisas científicas, poderiam auxiliar na ampliação da visão da saúde da mulher em outras direções. No entanto, a busca no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq não apontou a criação de nenhum GP no período entre 1970 e 1985.

Embora nesses 15 anos não tenha havido destaque quanto aos GP, na área da saúde da mulher, o final do primeiro período foi marcado pela criação do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), em 1984. Acredita-se que o programa tenha contribuído com a criação de inúmeros GP na área<sup>(11)</sup>. Desse modo, antes mesmo do período entre 1995 e 2010, identificou-se a criação de alguns GP em 1988, 1989, 1990, 1992 e 1993. Esses GP, em sua maioria (três), demonstram por meio do título (Enfermagem Obstétrica e Neonatal; Grupo de Estudos em Enfermagem Obstétrica; Políticas e Modelos de Ensinar e Assistir em Saúde da Mulher e do Recém-Nascido), que eram voltados à saúde da mulher sob o enfoque reprodutivo ou associados à saúde da criança. Enquanto que os demais, de forma inovadora, introduziram a perspectiva do sexo (Centro de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher, Gênero, Saúde e Enfermagem; Núcleo de Estudos e Pesquisa em Saúde da Mulher e Relações de Gênero), o que deve ter provocado mudanças no ensino de graduação e pós-graduação em Enfermagem nas instituições as quais estão vinculados.

Além disso, o período entre 1995 e 2010 também destaca-se pela grande procura de cursos na área da Enfermagem, justificada pela implementação do SUS e do Programa Saúde da Família (PSF)<sup>(8)</sup>. Esse aumento quantitativo de estudantes na área também pode ter auxiliado na ampliação do número de GP, com um acréscimo de mais 27 grupos. Verificou-se que os grupos criados nesse período, foram criados de forma irregular até o ano de 2005, com grupos sendo formados em 1997, 2000 e 2002. Até que após 2005, a formação dos GP adotou outra característica, surgindo de forma regular e sequencial em 2005, 2006, 2007 e, assim, consecutivamente. Atribui-se essa mudança à criação da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM), em 2004.

Apesar dos avanços permitidos pelo PAISM, as questões do sexo, raça e etnia ainda não estavam incorporadas na atenção à saúde da mulher. Além disso, o PAISM não previa questões relacionadas à mortalidade materna, assistência ao aborto em condições de risco, doenças sexualmente transmissíveis, infertilidade e reprodução assistida, violência contra a mulher,

saúde mental das mulheres, planejamento familiar para homens e mulheres, adultos e adolescentes, câncer, saúde da mulher adolescente, climatérica, lésbica, negra, indígena, residente e trabalhadora na área rural e em situação prisional<sup>(9)</sup>. Desse modo, entende-se que o PNAISM contribuiu para a criação dos GP na área da saúde da mulher, os quais, conforme observado na busca, incorporaram às suas linhas de pesquisas as questões do sexo, sexualidade, direitos reprodutivos, planejamento familiar, doenças sexualmente transmissíveis, violência, etnia, ambiente laboral e saúde mental.

Verificou-se que os grupos identificados no período entre 1995 a 2010, não deixaram de abordar as questões relacionadas à saúde da criança, demonstrando a dificuldade em dissociar a saúde da mulher da saúde da criança e/ou de vislumbrar a mulher em outras dimensões, que não apenas a procriativa. Por conseguinte, os GP que restaram e que não estão entre 1995 e 2010, e que se formaram entre 2012 e 2013 já apresentam outra configuração, pois possuem linhas de pesquisa com questões relacionadas à saúde da mulher. Esses GP, desde os títulos dos grupos, já indicam seu enfoque sobre a mulher (Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Saúde da Mulher; Grupo de Estudos e Pesquisas no Cuidado Interdisciplinar à Saúde da Mulher; Grupo de Pesquisa e Estudo em Saúde da Mulher; Grupo de Pesquisa Sobre Mulher, Gênero e Saúde).

A criação dos GP também foi relacionada com as instituições às quais estão vinculados, a fim de identificar relações entre essas variáveis. Conforme mencionado anteriormente, três instituições destacaram-se no quantitativo de GP, sendo elas a UFRJ, a USP e a UFF. Quanto à UFRJ, sabe-se que possui papel decisivo na Enfermagem no Brasil, uma vez que nessa instituição foi criada a primeira escola de Enfermagem, em 1923. Além disso, como também já destacado, nessa Universidade foi criado o primeiro curso de mestrado em Enfermagem, em 1972. Desse modo, atribui-se o número de grupos identificados nessa instituição ao seu pioneirismo na área. Os grupos criados na UFRJ datam de 1993 (um grupo) e 1997 (dois grupos). Já a escola de Enfermagem da USP foi criada 19 anos depois da escola da UFRJ, em 1942, e teve a formação de GP em 1989, 2005 e 2008, com um grupo em cada ano. Finalmente, a escola de Enfermagem da UFF surgiu dois anos após a criação da escola da USP e os grupos vinculados à instituição foram criados em 2005 (um grupo) e 2010 (dois grupos).

Embora essas instituições tenham sido pioneiras no ensino de Enfermagem no Brasil, pôde-se perceber que as mesmas, de certa forma, não impulsionaram a criação de GP na área da saúde da mulher, pois entre elas, apenas a escola de Enfermagem da USP possui um dos GP mais antigos (1989).

É possível verificar que essas instituições criaram seus GP muito tempo após a criação dos seus cursos de Enfermagem. A UFRJ teve o primeiro GP, 70 anos após a criação do curso de Enfermagem; a USP 47 anos depois e a UFF 61 anos após. Além disso, destaca-se que o primeiro grupo identificado, em 1988, não está vinculado a nenhuma das três, mas à outra instituição (UFBA), criada em 1946, anos depois da criação das instituições supracitadas. Destaca-se que as três instituições (UFRJ, USP e UFF) localizam-se na região sudeste, a região mais evoluída

economicamente do País e, também, o centro do mercado de trabalho em saúde<sup>(12)</sup>.

Conforme ressaltado, identificou-se que o Currículo Lattes de alguns integrantes dos GP estavam desatualizados. A necessidade de atualização do Currículo é destacada na página do Diretório, informando que o pesquisador ou estudante com Currículo desatualizado pode ser excluído do grupo na base de dados. A desatualização do GP no Diretório pode prejudicar a precisão do perfil geral da atividade científico-tecnológica no Brasil. Além disso, os grupos desatualizados perdem sua certificação por estarem a mais de 12 meses sem atualização. Nesses casos, o CNPq pode excluí-los da base, impossibilitando a sua recuperação e, até mesmo, a sua visualização no site. Desse modo, para receber a certificação novamente e não ser excluído da base, o líder deve atualizar as informações relacionadas ao seu GP, ao menos, uma vez ao ano.

Em relação aos integrantes dos grupos, percebeu-se um predomínio de mulheres, o que pode ser explicado pelo processo histórico de feminização da Enfermagem, pois, durante muito tempo, a profissão era praticada exclusiva e/ou majoritariamente pelas mulheres<sup>(13)</sup>. Além disso, percebe-se que a população estudantil no ensino superior é composta, em sua maioria, pelo público feminino<sup>(14)</sup>.

### Conclusão

Esse estudo permitiu identificar o Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq como uma importante ferramenta, que permite traçar um panorama da produção de conhecimento nacional.

Os resultados possibilitaram verificar como marco inicial de criação dos GP na área da saúde o ano de 1988, com linhas de pesquisa que versam sobre as diferentes perspectivas que abrangem a saúde da mulher, desvinculando-a da saúde da criança, diferentemente das políticas públicas de saúde que, por muito tempo, insistiram nessa união.

Como características dos GP, identificou-se uma maior concentração na região sudeste, com a participação de profissionais de diferentes áreas da saúde em suas composições, demonstrando a integração entre as áreas e o potencial trabalho multidisciplinar. Percebe-se, ainda, um predomínio de integrantes da área da Enfermagem, majoritariamente, estudantes da graduação, demonstrando o interesse em produzir conhecimentos nas temáticas relacionadas à área da saúde da mulher.

Como limitação do estudo, vários Currículos Lattes e grupos estavam desatualizados, o que pode ter comprometido as informações coletadas quanto à titulação acadêmica dos integrantes e inclusão ou exclusão dos mesmos dos GP.

### Referências

1. Freitas GL, Vasconcelos CTM, Moura ERF, Pinheiro AKB. Discutindo a política de atenção à saúde da mulher no contexto da promoção da saúde. *Rev Eletr Enf.* 2009;11(2): 424-8.
2. Mori ME, Coelho VLD, Estrella RCN. Sistema Único de Saúde e políticas públicas: atendimento psicológico à mulher na menopausa no Distrito Federal, Brasil. *Cad Saúde Pública.* 2006;22(9):1825-33.

3. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes. Brasília(DF): Ministério da Saúde; 2009.

4. Alexandre LBSP. Políticas públicas de saúde da mulher. In: Quintella Fernandes RA, Zanon Narchi N, organizadoras. *Enfermagem e saúde da mulher.* Barueri (SP): Manole; 2007. p. 1-29.

5. Ministério de Ciências e Tecnologia. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp> [Acessado em 23.08.2013].

6. Erdmann AL, Fernandes JD, Teixeira GA. Panorama da educação em enfermagem no Brasil: graduação e pós-graduação. *Enferm Foco.* 2011;2(Supl):89-93.

7. Barbosa TSC, Baptista SS. Movimento de expansão dos cursos superiores de enfermagem na região centro-oeste do Brasil: uma perspectiva histórica. *Rev Eletr Enf.* 2008;10(4):945-56.

8. Silva KL, Sena RR, Tavares TS, Maas LW. Expansão dos cursos de Graduação em Enfermagem e mercado de trabalho: reproduzindo desigualdades? *Rev Bras Enferm.* 2012;65(3):406-13.

9. Gomes DC, Backes VMS, Lino MM, Canever BP, Ferraz F. Produção científica em Educação em Enfermagem: grupos de pesquisa Rio de Janeiro e Minas Gerais. *Rev Gaúcha Enferm.* 2011;32(2):330-7.

10. Dalmolin BB, Backes DS, Zamberlan C, Schaurich D, Colomé JS, Gehlen MH. Significados do conceito de saúde na perspectiva de docentes da área da saúde. *Esc Anna Nery.* 2011;15(2):389-94.

11. Moreira MA, Lopes RLM. Grupos de pesquisa no Brasil: a saúde da mulher a partir do tema amamentação. *Online Braz J Nursing.* 2007;6(2):Ago.

12. Vieira ALS, Amâncio Filho A, Oliveira ES. Mercado de trabalho em saúde na região sudeste-Brasil: a inserção da equipe de enfermagem. *Rev Latinoam Enferm.* 2004;12(1):134-8.

13. Lopes MJM, Leal SMC. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. *Cad Pagu.* 2005;24:105-25.

14. Rosenberg F, Andrade LF. Ação afirmativa no ensino superior brasileiro: a tensão entre raça/etnia e gênero. *Cad Pagu.* 2008;31:419-37.

---

### Endereço de correspondência:

Universidade Federal de Santa Maria - Avenida Roraima nº 1000, Prédio 26 - Cidade Universitária - CEP: 97105-900, Santa Maria (RS), Brasil  
E-mail: [lisiealende@hotmail.com](mailto:lisiealende@hotmail.com)

---